

Jornal do Professor

Adufg 40 ANOS
SINDICATO

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS - ANO VI - Nº 52 - NOVEMBRO DE 2018

EDITORIAL

Após a tempestade

O período eleitoral passou, mas o cenário não se encontra menos polarizado nem mais otimista. O que é certo é que ao invés de calmaria, o que vem pela frente é muita luta pela preservação da universidade pública, gratuita e de qualidade. Luta também tem a ver com a temática do mês: celebramos o dia a Consciência Negra destacando o Coletivo Rosa Parks que serve não apenas como grupo de estudo, mas de acolhimento para as jovens negras da universidade. Aproveitamos a passagem do mês da criança e a proximidade das Festas para lembrarmos dos perigos da obesidade infantil e da importância de acompanhar de perto a dieta dos filhos para que eles cresçam saudáveis. Trazemos nas nossas páginas centrais a Festa do Professor, realizada na Sede Campestre do Adufg-Sindicato, destacando que ainda é sim tempo de celebrar e, ao mesmo tempo, de refletir sobre o que é ser professor. Finalizando nossa série de entrevistas com os presidentes do sindicato, chegamos à atual gestão de Flávio Alves da Silva que retoma a sua participação em diretorias anteriores assim como os atuais desafios que enfrenta. Encerramos com a trajetória da professora Maria Beatriz Costa, uma das primeiras educadoras do curso de jornalismo da UFG e que dividia o seu tempo entre a sala de aula e o dia-a-dia turbulento da redação de jornal. Boa leitura!

Redação: (62) 3202-1280
jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

Festa do Professor

Guilherme Fernandes



Sindicato realiza mais uma edição da festa com muita alegria e sorteio de brindes

Páginas 8 e 9

Luciana Porto



TRAJETÓRIA: Professora Maria Beatriz Costa dividiu sua vida entre duas carreiras: a de professora e a de jornalista

Página 16

Dia da Consciência Negra

Professora Luciana Dias mostra a importância do Coletivo Rosa Parks

Página 6

SAÚDE

Professora Flávia Corgosinho explica os perigos da obesidade infantil e como preveni-los

Página 12

ADUFG 40 ANOS

Flávio Aves da Silva relembra sua gestão anterior e comenta os desafios da diretoria

Página 13

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Conversamos com o professor Cristiano Almeida sobre os desafios da Engenharia de Transportes

Página 10

prestação de contas

Setembro de 2018

1 Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros		
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	334.631,09
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	2.324,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.579,70
1.4	Receitas Financeiras	7.288,82
1.5	Outras Receitas	998,26
1.6	Resgate de aplicações financeiras	9.543,26
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	30,62
Total R\$		356.334,51

2 Custos e Despesas Operacionais		
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	0,00
2.1.2	Encargos Sociais	34.930,14
2.1.3	Seguro de Vida	755,22
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	1.615,38
2.1.5	Ginástica Laboral	650,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	7.319,09
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	787,81
Total R\$		46.057,64

2.2 Serviços Prestados por Terceiros		
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.017,33
2.2.2	Despesas com Correios	763,88
2.2.3	Energia Elétrica	3.523,56
2.2.4	Honorários Advocatícios	0,00
2.2.5	Honorários Contábeis	3.815,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	400,00
2.2.7	Serviços Gráficos	5.114,00
2.2.8	Honorários de Auditoria	6.000,00
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	4.249,59
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	3.607,32
2.2.11	Vigilância e Segurança	313,50
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	300,00
2.2.13	Serviços de Informática	1.598,31
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	0,00
2.2.15	Água e Esgoto	1.024,27
Total R\$		32.726,76

2.3 Despesas Gerais		
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	4.021,49
2.3.2	Despesas com Táxi	1.171,89
2.3.3	Despesas com Coral	4.269,78
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	1.323,06
2.3.5	Diárias de Viagens	4.981,11
2.3.6	Tarifas Bancárias	412,52
2.3.7	Lanches e Refeições	1.093,54
2.3.8	Quintart	10.766,83
2.3.9	Patrocínios e Doações	17.302,79
2.3.10	Manutenção de Veículos	50,00
2.3.11	Festa do Professor	2.980,35
2.3.12	Festa Final de Ano	23.800,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	2.420,60
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.958,21
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campeste	5.950,66
2.3.16	Hospedagens Hotéis	2.765,77
2.3.17	Material de expediente	62,12
2.3.18	Outras despesas diversas	4.117,68
2.3.19	Manutenção e Conservação	2.275,55
2.3.20	Homenagens e Condecorações	0,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	3.765,93
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	1.910,92
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	407,76
2.3.24	Sabadart/Festa do Professor Jataí	568,10
2.3.25	Evento "Mais Sindicato" - Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Manifestações	2.216,67
2.3.27	Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	0,00
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	50,00
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	2.000,01
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	0,00
Total R\$		102.643,34

2.4 Despesas Tributárias		
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	2.290,92
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	280,73
Total R\$		2.571,65

2.5 Repasse Fundo Social e Contribuições		
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	27.257,03
Total R\$		27.257,03

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$	211.256,42
3 Resultado do exercício 09.2018 (1-2)	145.078,09

4 Atividades de Investimentos		
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	11.732,00
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	0,00
4.1.5	Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6	Outras Imobilizações	4.000,00
Total R\$		15.732,00

4.2 Intangível		
4.2.1	Programas de Computador	5.000,00
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
Total R\$		5.000,00

4.3 Aplicações Financeiras		
4.3.1	Aplicação CDB	0,00
Total R\$		0,00

Total Geral dos Investimentos R\$	20.732,00
5 Resultado Geral do exercício 09.2018 (3-4)	124.346,09

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.



INFORME JURÍDICO

Novas Ações Coletivas protocoladas

No dia 1º de novembro foi protocolada Ação Coletiva buscando que a UFG devolva o ilegal desconto do auxílio-creche ou a assistência pré-escolar no contracheque dos(as) sindicalizados(as).

A mencionada Ação Coletiva foi aprovada em assembleia geral no dia 27 de agosto deste ano. Para o advogado Elias Menta "a ação protocolada nesta data busca o reconhecimento da ilegalidade do desconto do auxílio-creche ou assistência pré-escolar no contracheque dos(as) sindicalizados(as), bem como a devolução dos valores ilegalmente descontados nos últimos cinco anos. Sendo assim, a medida judicial é, em verdade, uma forma de corrigir a ilegalidade que tem impacto direto na remuneração dos servidores, reafirmando o compromisso do Sindicato de estar vigilante às questões que envolvem seus(suas) sindicalizados(as)".

Também foi protocolada outra ação aprovada na mesma assembleia geral para que a UFG reconheça o direito dos sindicalizados ao recebimento do Adicional de Insalubridade, periculosidade ou irradiação ionizante de forma cumulativa com a Gratificação de Raio-X.

"A ação protocolada nesta data busca garantir aos professores e às professoras que estão expostos ao Raio-X e outras modalidades de risco direto à vida ou à sua saúde, que recebam o respectivo adicional cumulativo com a gratificação de Raio-X. Sendo assim, a medida judicial é, em verdade, uma forma de corrigir a histórica injustiça que tanto afeta os sindicalizados e sindicalizadas e deixa evidente o protagonismo da entidade sindical na defesa intransigente de sua categoria".

Na mesma data também foi protocolado protesto judicial em face da UFG, eis que a mesma se equívoca na fórmula de cálculo da gratificação natalina e do terço constitucional de férias para os(as) sindicalizados(as) que recebem abono permanente.

Elias entende que: "o protesto é uma forma de resguardar os direitos dos sindicalizados e sindicalizadas afetados pelo equivocado entendimento na formulação do cálculo da gratificação natalina e do terço constitucional de férias aqueles(as) recebem o abono permanente. Tal medida é preparatória para ação judicial vindoura e se alinha a forma combativa que a entidade sindical tem de enfrentar tais ilegalidades".



19ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das
Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Diretor Presidente

Walmirton Tadeu D' Alessandro
Diretor Vice-Presidente
e de Comunicação

Veridiana Maria Brianezi D. de Moura
Diretora-Secretária

Daniel Christino
Diretor de Promoções Sociais,
Culturais e Científicas

João Batista de Deus
Diretor Administrativo

Geovana Reis
Diretora de Assuntos Educacionais,
de Carreira e do Magistério Superior

Thyago Carvalho Marques
Diretor Financeiro

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora de Convênios e de
Assuntos Jurídicos

Abraão Garcia Gomes
Diretor de Assuntos de
Aposentadoria e Pensão

Luis Antônio Serrão Contim
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VI - Nº 52

Novembro de 2018

Professor Juarez Ferraz de Maia
Idealizador do projeto

Cleomar Nogueira
Projeto gráfico original

Kalyne Menezes (JP 2636 GO)
Editora responsável

José Abrão (JP 3331 GO)
Edição e reportagem

Luciana Porto (JP 3175 GO)
Reportagem

Bruno Destéfano
Guilherme Fernandes
Estagiários

Diagramação: Bruno Cabral

Data de fechamento: 06/11/2018

Tiragem: 3.000 exemplares

Impressão: Stylo Gráfica

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

Acompanhe nossas redes sociais:
[@adufgsindicato](https://www.instagram.com/adufgsindicato)

www.adufg.org.br



Luciene Dias*

Por um novembro negro

Um dos legados históricos do período escravagista é a hierarquização das pessoas a partir da raça. No Brasil, a colonização pela escravização de pessoas africanas fincou o conceito de raça na base sociológica e racializou tudo o que não era branco e europeu. A síndrome da casa-grande e da senzala ainda grita alto nas relações sociais, uma vez que nossos pressupostos de felicidade, sucesso e competência estão ancorados na quantidade de melanina que carregamos no corpo. Por esta perspectiva, mantemos vivo o imaginário nacional de que se é negro é ruim, a exemplo de frases que dispensam explicação, como “lista negra” e “situação preta”.

O comportamento racista se repete no Brasil por centenas de anos e é ele que sustenta essa forma de pensar o que é negro. Sendo assim, é necessário um empenho muito grande para superar reações quase automatizadas de inferiorização do que é negro. Admitir sua existência e entender como opera o racismo é um passo fundamental para vencê-lo e a ressignificação da negritude, neste sentido, torna-se um caminho capaz de conduzir a uma grande conquista no caminho do respeito às diferenças.

Construir um novembro negro – por parte dos movimentos sociais, sociedade civil e instituições – é o desafio para implementar uma agenda antirracista. Temos que combater o racismo, mas também provocar o nascimento de uma sociedade que não mais racialize quem ela deseja inferiorizar. Acreditando que Frantz Fanon está correto quando diz que “o negro não há, nem tampouco o branco”, empenhamo-nos na crença de que somos seres relacionais e que modificando as relações, nos transformaremos.

Faz parte deste movimento de ressignificação da negritude impor carga positiva ao 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. É importante ter uma data específica porque somos, ainda, 76% dos mais pobres; entre a população penitenciária do Brasil somos mais de 60%; da juventude assassinada por ano, somos 77%, o que significa que a cada 23 minutos uma pessoa negra e jovem é assassinada no Brasil. Por ainda ser a população mais afetada pela crise de cidadania é que precisamos de datas e políticas específicas. Se a data lembra a morte de Zumbi dos Palmares, é importante acionarmos nossa memória histórica para fortalecer a compreensão de que Zumbi morreu lutando pela liberdade.

Mesma luta que nos mobiliza na conjuntura brasileira contemporânea. Enquanto pessoas negras, somos condicionadas a mudar nosso comportamento para não sermos perseguidas. Não ousamos entrar no elevador do nosso prédio de camiseta surrada para não sermos confundidas com a empregada; prendemos nossos cabelos para irmos ao supermercado com o intento de não sermos perseguidas pelos seguranças; falamos de forma sussurrada para que não pensem que estamos iradas. Enfim, são mudanças de comportamento resultantes do racismo estrutural.

Se mudamos o nosso comportamento para nos proteger do racismo cotidiano, podemos acionar essa mesma capacidade para ressignificar a negritude. Propor um novembro negro vincula negritude a políticas públicas de acesso e permanência à educação. Negritude pode

estar associada a ciência, arte e cultura para além dos estereótipos e estigmas porque sim, temos samba e sensualidade, mas também temos rock, pesquisa, engajamento, afeto.

Um novembro negro pode contribuir para que acionemos a compreensão da diversidade e isso é incrível porque a lógica hegemônica ainda está hoje focada no pensamento único branco e masculino. Um novembro negro pode nos reorientar para a afrocentricidade em detrimento de uma condução imposta pelo eurocentrismo. Pensar a partir de novas linhas, novos signos, novas sociabilidades é descolonizar-nos.

Nossa defesa é de que uma mudança intencional de comportamento para a construção de uma agenda antirracista demanda representatividade. Para termos um novembro negro, precisamos ocupar os espaços de poder. Se temos crianças negras, precisamos de pediatras, docentes, artistas, cientistas, advogadas, cineastas, psicólogas negras

e negros. Isso porque nossas crianças negras precisam entender que é possível e entendemos que é possível quando temos referência.

Acabamos de passar por um processo eleitoral no Brasil e vimos, não sem estarecimento, o fortalecimento do racismo, machismo, manipulação de toda sorte e todas as fobias sociais. O cenário que se desenha para os próximos quatro anos é de endurecimento de uma forma de pensar que ignora a força da diferença e não se preocupa com criticidade nas tomadas de decisão. Porque vivemos o retrocesso, é tempo de defender a representatividade.

Nunca tivemos uma pessoa negra ocupando o mais alto posto da nação. Nunca uma pessoa indígena elegeu-se presidente da República. Nunca uma pessoa com orientação sexual que não seja heteronormativa conseguiu alcançar posto mais alto do poder federal. E não podemos

dizer que é por falta de competência pois sabemos que é o racismo estrutural que barra o acesso e impede a percepção de que é possível ter diferentes corpos ocupando os espaços de poder.

Mas isso não é tudo! O grupo que assume o poder federal a partir de 2019 lança mão do discurso da meritocracia. Esse grupo dá passos largos rumo ao passado quando diz que sua cor é o Brasil, mas sabemos que o Brasil é diverso, sabemos como foi construído o mito da democracia racial neste País, sabemos o quando pesa nos ombros das pessoas negras a imposição do branqueamento. Mais uma vez, há uma tentativa deliberada de silenciamento de quem busca construir-se pelo que é. Gritam que o diferente deve calar-se.

Sendo assim, atuar por um novembro negro é dizer que somos e que se a racialização limitou nossos acessos e nossas vidas, não podemos acreditar que avançaremos simplesmente dizendo que isso não existe. Dizer que o racismo não existe não traz como sequência lógica o seu fim. Ao contrário, buscar entender como opera o racismo no Brasil nos conduz a mudar comportamento e lutar para construir uma sociedade antirracista. Lutar por um novembro negro é dizer que vidas negras importam!

**Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação*

“
Eles combinaram
de nos matar, mas
nós combinamos
de não morrer

**Conceição
Evaristo**



Lisandro
Nogueira*

Ver filmes e músicas

É comum hoje em dia “ver música”. As pessoas estão cada vez menos ouvindo música simplesmente. Ou se ouve música com imagens (Youtube, monitores, TVs, celulares, telões) ou se ouve música “em eventos” – ou as duas coisas ao mesmo tempo. Mas o ato contemplativo de ouvir uma música sem os aparatos da imagem e dos espetáculos está se restringindo às salas de concerto e ao ato solitário de poucos indivíduos.

A “civilização das imagens” chegou para ficar e se tornou quase hegemônica. O agravante, no caso do Brasil, é que saímos de uma cultura oral para uma cultura da imagem sem dominar completamente a língua portuguesa, o texto. As imagens nos cativam, iludem, emancipam e, em momentos históricos precisos, suscitam perguntas em relação à fruição estética das obras.

Se a música perdeu muito da beleza da contemplação, o cinema (todos os domínios: clássico narrativo, experimental, ensaio, documentário) alcança audiências jamais imaginadas. Temos imagens para todos os lados. Hoje, é comum ver filmes em celulares, notebooks, em monitores em restaurantes e recepções de consultórios médicos. Ou seja, a primazia da sala de cinema, do ritual da sala escura, deixou de ser o lugar central para a fruição estética das imagens. Se por um lado o cinema ganha em audiência e expansão do público, por outro, será que perde o espectador concentrado formado ainda no século XVIII dentro do sistema tradicional das artes?

A contemplação no início do século 20 dá lugar ao olhar distraído ativado por estímulos dos mais variados, desde o barulho crescente nas grandes cidades até o coice visual das publicidades textuais

O fato é que o cinema cria o espectador sintonizado com

uma sociedade cada vez mais excitada por estímulos incontroláveis. Mesmo na sala escura, sentado na poltrona, o espectador começa a ver o mundo representado por imagens em movimento com um olhar distraído - a luz, o som e as imagens aceleram seu olhar e o espectador contemplativo do século XIX perde o lugar central no sistema de fruição estética.

Na passagem do século XX para o século XXI, com a velocidade crescente de todos os processos humanos, incentivados por tecnologias sofisticadas e possibilidades imagéticas inimagináveis, constatamos o deslocamento do olhar

distraído para o olhar ansioso. Os filmes são mais “vibrantes”, bem mais cortados, os planos são curtíssimos e as sensações tomam conta das histórias e dos espectadores.

O espectador pode ser agora um “interator”. Ele assume um outro papel: mais ativo, mais participativo e passa a interagir com as imagens. Ainda é cedo, ou mesmo um exagero, falar na “emancipação do espectador”.

Não houve propriamente uma mudança no estatuto desse espectador nascido com o palco italiano (as quatro paredes, o palco e a plateia) no século XVI. Se não é uma mudança podemos afirmar que houve um deslocamento: as novas tecnologias da imagem trouxeram novos encargos ou responsabilidades (ou mesmo submissão) para alguém que necessita viver e compreender o mundo pós-moderno – veloz,

multifacetado e avesso aos antigos parâmetros.

O novo mundo nos impele a “ver músicas” e a “participar dos filmes e dos games”. O velho espectador está na berlinda e a contemplação das imagens poderá ser restrita e monástica. As palavras agora são participação, excitação, movimentação e usufruto imediato e fugaz das obras. O deslocamento do espectador da contemplação para o movimento distraído e ansioso é sintoma de um novo mundo, de uma nova ordem.

**Lisandro Nogueira é professor na FIC-UFMG e no programa de pós-graduação das Performances Culturais na FCS/UFMG.*

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

Artesanato

Em comemoração aos 40 anos do Adufg-Sindicato, será realizada no Espaço Cultural de Lazer e Saúde nos dias 29 e 30 de novembro a VIII Exposição de Arte e Artesanato dos Professores da UFG. Pela primeira vez, a exposição será aberta a todos os professores da universidade e as inscrições já estão abertas.

HC

A UFG conseguiu R\$ 20 milhões em recursos para o novo Hospital das Clínicas através de emenda parlamentar. Eles devem ser liberados em 2019 para a aquisição de parte dos equipamentos e instalação da infraestrutura do novo hospital.

Prêmio

As alunas Janaína de Oliveira, do curso de Jornalismo da UFG, e Gabriela Macêdo, que cursa Jornalismo na PUC e História na UFG, foram premiadas em terceiro lugar no 10º Prêmio CBN de Jornalismo Universitário.

Educação digital

Elas se conheceram durante a seleção do 3º Politizar, projeto de extensão da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Neste ano, o Prêmio CBN de Jornalismo Universitário teve como tema “Educação digital: quais são os desafios do mundo conectado?”.

Reportagem

Elas abordaram o projeto Educação Digital (INF/UFG) como exemplo de iniciativa que impacta positivamente grupos socialmente vulneráveis. A rádio-reportagem pode ser ouvida na aba “vencedores” no site da CBN São Paulo.

Cinema

A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) firmou parceria com a Agência Nacional de Cinema (Ancine) para criar Rede Universitária de Cinema.

Divulgação

A ideia é criar uma rede para a produção, circulação e divulgação do cinema produzido pelos alunos universitários. O projeto foi encabeçado pela UFPA e busca criar salas nas instituições para fortalecer este circuito estudantil.

Custos

A proposta prevê que a Ancine financie 80% dos custos para a implantação das primeiras salas, tendo participação na gestão e formatação do programa. As universidades irão colaborar com 20% dos custos, cobrindo patrimônio físico e gastos de manutenção, tendo autonomia para gerir as salas e parte da programação.

Professora da Agronomia é ameaçada

A professora Magda Beatriz Mateucci, da Escola de Agronomia, veio à redação do Jornal do Professor informar que foi ameaçada por causa do seu posicionamento político. Ela trouxe em mãos uma carta que foi entregue anonimamente em sua residência, onde vive com a mãe idosa e irmã. A carta traz ameaças às três e se refere a elas como “vagabundas”, entre outras ofensas de baixo calão. A carta afirma que se elas não tirarem “imediatamente” a bandeira do PT colocada no portão “nós vamos pôr fogo nela e nessa casa”. E fala que petista “tem que enterrar em pé para ocupar menos espaço no cemitério”.



José Abrão

Segundo os funcionários do Núcleo Takinahaky, também conhecido como a Oca, no Campus Samambaia, este é o Fred. Ele é um filhote que apareceu por lá há pouco tempo e tem sido cuidado pelos alunos, professores e funcionários que passam por lá no dia-a-dia. Fred continua sem casa, porém. Ele é brincalhão e gosta de pular, além de seguir todo mundo de diferente que chega por lá.



José Abrão

Detalhe do Núcleo Takinahaky De Formação Superior Indígena inaugurado no dia 14 de maio de 2014 e que de lá para cá é palco dos cursos de Educação Intercultural de formação para indígenas de cinco estados. O núcleo possui quatro cursos e seu nome significa “grande estrela”. Passaram e passam por lá estudantes dos povos Apinajé, Krahô, Guajajara, Karajá, Waurá, Tapirapé, Timbira, Canela, Garão, Krikati, Xavante, Xakriabá, Xerente, Tapuia, Kamayurá e Javaé, entre outros.

Parceria

A UFG e a Prefeitura de Goiânia assinaram um Convênio de Cooperação Técnica para elaboração de soluções tecnológicas que modernizem a máquina administrativa. A cooperação técnica deve ser bancada pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Ciência e Tecnologia (Sedetec) e a universidade.

Software

O principal objetivo da cooperação é desenvolver soluções para os websites e softwares usados pela prefeitura nas áreas de segurança, financeira, fiscalização e tecnologia da informação. O objetivo final é proporcionar um atendimento à população mais fácil e eficiente.

FE

A Faculdade de Educação da UFG completou 50 anos. Como parte da celebração, a unidade liberou gratuitamente o conjunto documental permanente da faculdade. No total, 633 arquivos foram digitalizados e relembram a memória institucional da unidade.

Consuni

As Unidades Acadêmicas, Unidades Acadêmicas Especiais, Regionais, Pró-reitorias e Órgãos da Universidade têm até 29 de novembro para indicação dos premiados desse ano ao Certificado de Reconhecimento Consuni UFG. As indicações devem ser realizadas exclusivamente por meio do formulário eletrônico, a ser preenchido pela chefia desses locais.

Reconhecimento

O certificado é entregue a pessoas da comunidade universitária que se destacaram em atividades relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão, cultura, esporte e inovação tecnológica, além de boas práticas de gestão administrativa.

Entrega

A cerimônia de entrega ocorrerá no dia 14 de dezembro de 2018, a partir das 9h, no Auditório Marieta Telles Machado, localizado na Biblioteca Central da UFG, no Câmpus Samambaia.

Exposição

Segue até o dia 30 de novembro a exposição Um Acervo em Construção, no Centro Cultural UFG, na Praça Universitária. Ela reúne trabalho dos artistas Anahy Jorge, Dalton Paula, Eliane Chaud, Edney Antunes, Enauro de Castro, José César, Yara Pina, Selma Parreira e do Grupo Empreza.

Temática

O conceito curatorial da mostra se apresenta em duas vertentes distintas: o de artistas que atuam ou atuaram como professores da Faculdade de Artes Visuais da UFG, e o de artistas com uma trajetória profissional que une a formação acadêmica e o fazer empírico em suas pesquisas e produções.

Curadoria

Isto também se cruza com a atual pesquisa do curador, Paulo Henrique Silva acerca do uso do corpo, ou situações e vestígios que remetem ao seu uso para a produção dos trabalhos. A entrada para a visita é franca.

Coletivo Rosa Parks busca fortalecimento da mulher negra

José Abrão

*Professora
Luciana está à
frente do coletivo
e seus desafios*



Feminismo negro é o cerne do projeto desenvolvido por professoras e alunas da UFG. Ações vão desde os estudos e pesquisas científicas sobre a temática até rodas de conversas e oficinas em escolas de ensino básico

Dados divulgados este ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior no país, contra 23,5% de mulheres brancas. Os números são referentes à pesquisa realizada pela instituição para avaliar a igualdade de gênero, e demonstram que o recorte racial ainda determina a desigualdade entre brancas e negras. É neste sentido que atua o Coletivo Rosa Parks, projeto desenvolvido por professoras e alunas da UFG com o propósito de pesquisar, debater e fortalecer o feminismo negro.

Coordenadora do coletivo, a antropóloga e professora do Núcleo Takinahaky, Luciana Dias, esclarece que existem diversos marcadores que desencadeiam um processo discriminatório, sendo etnia, gênero, regionalidade, entre outros. Além disso, ocorre ainda a articulação de mais de um eixo de discriminação por indivíduo, como no caso das mulheres negras. “Elas sofrem discriminação por serem mulheres e também por serem negras. Se ela tiver mais um pertencimento, como ser lésbica, quilombola ou pouco escolarizada, torna a discriminação mais complexa ainda”, reflete.

O nome da rede é uma home-

nagem a uma ativista norte americana. Luciana relata que, no auge da segregação racial nos Estados Unidos, as primeiras filas dos ônibus eram reservadas para passageiros brancos. Atrás vinham os assentos nos quais os negros podiam se sentar. No dia 1º de dezembro de 1955 a costureira Rosa Parks entrou no coletivo e se acomodou num desses locais proibidos para pessoas negras. O motorista exigiu que ela se levantasse para ceder lugar aos passageiros brancos que haviam entrado, e Parks se negou a cumprir a ordem, sendo detida e levada para prisão. Toda cidade se mobilizou para a liberdade de Rosa, inclusive Martin Luther King. “É isso que almejamos com o nosso Coletivo, a igualdade de direitos”, completa.

Atuação

Cadastrado na Faculdade de Letras, junto à Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG) e Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), o Coletivo Rosa Parks conta com o envolvimento de dez professoras orientadoras e 35 alunas de diversos cursos da universidade, que desenvolvem pesquisas, dissertações e relatórios de iniciação científica relacionados ao tema. Além disso,

o projeto tem a parceria da Anistia Internacional, de quem recebeu recentemente o kit Quilombo com materiais didáticos e pedagógicos que auxiliam na disseminação de informações sobre o combate à violência que acometem jovens negros no Brasil.

Além dos estudos, o coletivo promove atividades interativas em instituições de ensino básico. São rodas de conversa, palestras, oficinas de dança, turbantes, desenho e pintura, e ações voltadas para discutir o machismo e racismo no ambiente escolar, explica Luciana. “É uma forma de alertar discentes e docentes sobre o perigo que é a discriminação no processo educacional da criança. Temos que construir uma escola antirracista e antimachista com direito à liberdade e igualdade. Nosso desejo é levar essas ações mais longe ainda, para quilombos fora da cidade”, reforça a coordenadora do projeto.

Mais do que um grupo de estudos, o Coletivo Rosa Parks é uma rede de acolhimento. Luciana comenta que muitas alunas chegam até o núcleo muito fragilizadas e, por este motivo, o objetivo do projeto não é apenas formar pesquisadoras e intelectuais, mas também

oferecer uma rede de apoio. “Certa vez recebemos uma aluna do curso de Direito que foi vítima de misoginia e discriminação racial. Estávamos numa reunião do grupo de estudos quinzenal e ela chegou chorando muito. Paramos a leitura e fomos todas para debaixo da oca trançar os cabelos. O Coletivo Rosa Parks é também um grupo de afeto entre nós.”

Incertezas

Além de coordenadora do Coletivo Rosa Parks, antropóloga e ativista do feminismo negro, Luciana Dias também atua como professora do mestrado em Direitos Humanos da UFG e demonstra preocupação com o futuro do projeto. “A atual conjuntura política do nosso país me assusta. Não tem como eu não defender os direitos humanos de mulheres, de homossexuais, de negros, de nordestinos, de intercambistas africanos, de quilombolas que vêm estudar aqui na universidade e encontram um cenário de não acolhimento. O assassinato da Marielle Franco há um ano, por exemplo, é situação que nos revela que ser ativista no Brasil pode te matar. Ela como ativista, mulher, negra e lésbica nos prova isso”, conclui.

Obesidade infantil avança e preocupa especialistas

Em contrapartida, crianças obesas ou com sobrepeso ainda estão carentes de micronutrientes. Alimentação com excesso de industrializados é principal agente causador do problema

No passado, criança gordinha era sinônimo de saúde e beliscões na bochecha. Hoje, estar acima do peso é garantia de que algo não vai bem. Relatório divulgado este ano pela Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que mais de 38 milhões de crianças menores de cinco anos estão acima do peso ou obesos no mundo. No Brasil, o Ministério da Saúde estima que 33% dos pequenos estão com sobrepeso. Há décadas promovendo políticas públicas para o enfrentamento da desnutrição infantil, o país vivencia uma nova realidade: crianças com excesso de peso, porém subnutridas de micronutrientes.

A professora e pesquisadora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Flávia Campos Corgosinho, explica que o Brasil é peculiar nessa questão. Ela comenta que o país passou por um processo de transição, em que as taxas da desnutrição reduziram à medida que os índices da obesidade subiram. “Apesar disso, a desnutrição infantil não foi erradicada. O que diminuímos foi o baixo peso. Nossas crianças estão com sobrepeso e obesidade, mas possuem um déficit nutricional muito importante”, rebate a nutricionista.

As causas para o aumento do sobrepeso e obesidade infantil são multifatoriais. Porém, Flávia enumera algumas das principais causas

para o problema, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, a acessibilidade da população aos alimentos industrializados, e a falta de tempo para o lazer. “O estilo de vida do brasileiro mudou. Na minha infância a gente brincava na rua, hoje em função da violência os pais não permitem e as crianças passam mais tempo em frente à televisão e aparelhos eletrônicos. Além disso, os alimentos pré-prontos, congelados e industrializados ganharam espaço devido a sua praticidade”, pontua.

Impactos

Além das famigeradas doenças já associadas à obesidade, como diabetes e hipertensão, outras comorbidades importantes podem ser desencadeadas pelo excesso de peso, sobretudo na infância. Flávia aponta que, infelizmente, as crianças com obesidade estão desenvolvendo doenças que antes eram particulares de pessoas adultas, como a dislipidemia e a resistência insulínica (pré-diabetes). “De 50 a 60% das crianças acima do peso são resistentes à insulina hoje. Antigamente a gente solicitava aos pacientes adultos hemogramas completos para verificar os níveis totais e de frações de colesterol e triglicérides. Hoje temos de pedir já na infância”, lamenta.

Flávia explica que para prevenir, ou mesmo tratar, a obesidade infantil é necessário mudar os hábitos de toda a família. Outra medida que deve ser adotada é a limitação do tempo de uso dos dispositivos eletrônicos pela criança. A professora critica, ainda, que não adianta a criança estar se alimentando de forma saudável, enquanto os familiares comem pizza e bebem refrigerantes. “O mais desafiador é a família entender que a causa é de todos, e não apenas da criança. E, independente do peso da pessoa, não é saudável consumir alimentos que não oferecem nenhum tipo de benefício ao organismo.”

Outro costume que deve ser aderido por toda a família é a prática de alguma atividade física. A pesquisadora comenta que o ideal é que os pais procurem um profissional da área para indicar o melhor exercício para a criança, contudo caso não haja condição financeira para custear esse acompanhamento, outras medidas podem ser eficazes também. “Às vezes a família não pode pagar uma natação, uma escola de futebol, vôlei ou outro esporte. Mas, pode tirar uma hora do dia para brincar com a criança, levá-la ao parque, correr, pular e fazer coisas típicas da idade”, aconselha Flávia.

Estudos

Problema de saúde pública, a obesidade infantil é objeto de estudo da Telessaúde Goiás. Coordenadora da área de nutrição clínica do programa vinculado ao Ministério da Saúde, Flávia revela que será lançado neste mês um curso para capacitação dos profissionais da atenção básica do Sistema Único de Saúde (SUS). O material estará disponível na plataforma AVASUS de ensino à distância. “É um curso bem didático. Colocamos materiais escritos, vídeo aulas, entrevistas e depoimentos de pacientes que superaram a obesidade e de mães. Estou muito ansiosa para começarmos a divulgação”, contou a pesquisadora.

Outra novidade na área da ciência é uma pesquisa que está sendo desenvolvida sobre suplementação de compostos bioativos para pacientes bariátricos. Flávia afirma que nesse projeto a UFG conta com a parceria da Universidade Politécnica delle Marche, na Itália, que vai realizar uma análise dos tecidos adiposos retirados durante o procedimento de cirurgia bariátrica. “Ainda estamos dependendo de fecharmos uma parceria com um hospital referência no tratamento da obesidade. Temos uma equipe bastante empenhada e conseguimos até bolsa de estudos da Fapeg para nossos pesquisadores irem à Itália”, adianta.

José Abrão

Professora alerta para a necessidade do apoio dos pais no hábito alimentar saudável



Adufg celebra dia do professor com

Tensão política não impediu a comemoração dos docentes

No dia 27 de outubro, na véspera da eleição presidencial que elegeu Jair Bolsonaro como novo presidente do Brasil, o Adufg-Sindicato realizou em sua Sede Campestre a Festa do Professor. Apesar da tensão antes do pleito e dos ânimos acirrados, a festa correu tranquilamente, marcada pela comemoração e confraternização da categoria. “Esse ano a festa do professor tem um motivo especial porque o Adufg está fazendo 40 anos, uma festa que estamos realizando apesar do momento político difícil que vive o país, e apesar de termos poucos motivos para comemorar”, comentou o presidente do sindicato, professor Flávio Alves da Silva. Ele conta que a festa tão próxima da eleição foi uma boa escolha ao dar a oportunidade dos professores conversarem entre si e de refletirem sobre o momento político do país. “É uma pena porque poderíamos estar comemorando o dia do professor em uma situação muito melhor. A universidade pública está em risco”, afirmou.

O professor voltou a falar sobre política em seu discurso antes do tradicional sorteio dos brindes. “Queria agradecer realmente a presença de vocês e parabeniza-los pelo dia do professor, essa classe trabalhadora que sofre bastante, ainda mais no momento político atual”, declarou, “precisamos estar juntos e lutar contra o que vier para cima da nossa categoria. Somos uma categoria forte, de intelectuais. A universidade precisa ser pública, gratuita, laica e de qualidade”. No sorteio foram distribuídos prêmios que variaram desde serviços gratuitos no Espaço Saúde a até eletrodomésticos como uma televisão, cafeteiras, fritadeiras, além de prêmios gastronômicos como garrafas de vinho, cestas de chocolate e jantares.

A festa teve como principal atração show com os sambistas da banda Heróis de Botequim além de almoço com feijão tropeiro e churrasco, galinhada e cerveja à vontade e sobremesa de algodão-doce, frutas e sorvete. “A festa do professor este ano às vésperas da eleição correu tranquilamente, as pessoas

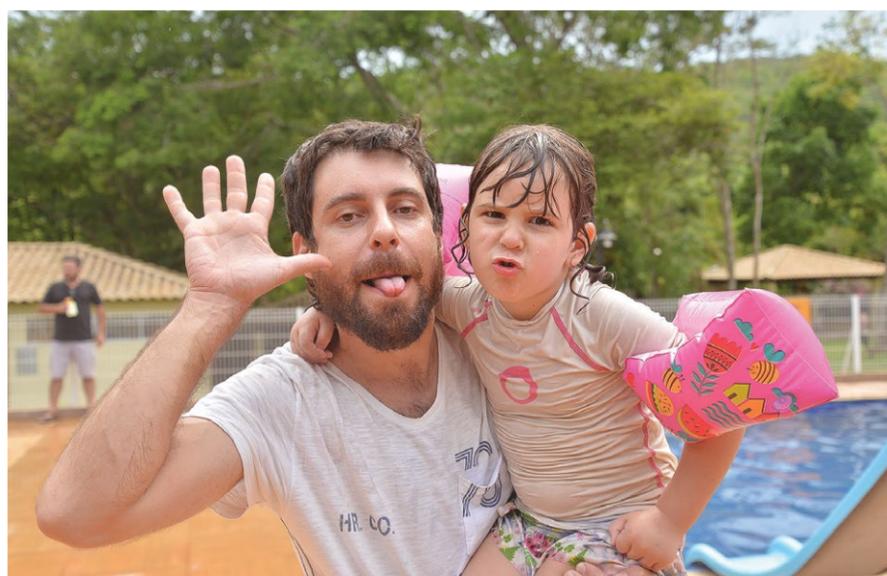
estão conversando e comendo bem nesta festa que já é tradicional do Adufg-Sindicato”, declarou o diretor de Promoções Sociais, Culturais e Científicas, Daniel Christino, “é um momento legal de comemorar a importância do professor e da universidade na história e na política brasileira e vamos continuar celebrando. O saldo é sempre positivo, o clima está muito bom, apesar de todo este contexto”.

A festa, como de costume, foi muito bem recebida pelos docentes. “É a segunda vez que estou participando. É muito boa, um momento ímpar de integração entre os professores, de celebrar essa vida nossa, de muita dedicação. É o momento de parar, refletir, confraternizar e comemorar nossa atividade. Parabéns o sindicato pela organização”, declarou Gilmar Ferreira Arantes, do INF. “É a terceira vez que eu participo da festa. Ela é muito boa por promover esse encontro entre os professores e também para as crianças. O espaço da Sede Campestre também nos possibilita o contato com a natureza, é muito agradável”, disse Márcio Mesquita, da Escola de Agronomia.

A celebração também agradeceu ao público de professores aposentados. “Todo ano eu venho aqui para rever os amigos e antigos colegas de trabalho. Isso é uma coisa muito boa pra gente, sentimos muita falta desse convívio. Passamos tantos anos trabalhando, resolvendo problemas, de repente você se aposenta e sente falta”, disse o professor José Luís de Barros Araújo, do IPTSP.

O contexto político não foi esquecido: “acho bastante oportuna neste momento em que estamos vivendo essa festa de confraternização comemorando o dia do professor feita pelo Adufg-Sindicato”, disse o diretor do Cepae, professor Alcir Horácio da Silva, “porque aqui várias ideologias se encontram mas num espírito de amizade, de confraternização, e é nisso que temos que nos unir. Precisamos de fato estar unidos para lutar por aquilo que a gente sempre quis: uma universidade pública, gratuita, de qualidade, socialmente referenciada”.

Fotos: Guilherme Fernandes



muito samba na véspera das eleições

e suas famílias que confraternizaram na Sede Campestre



Software proporciona gestão acadêmica mais assertiva

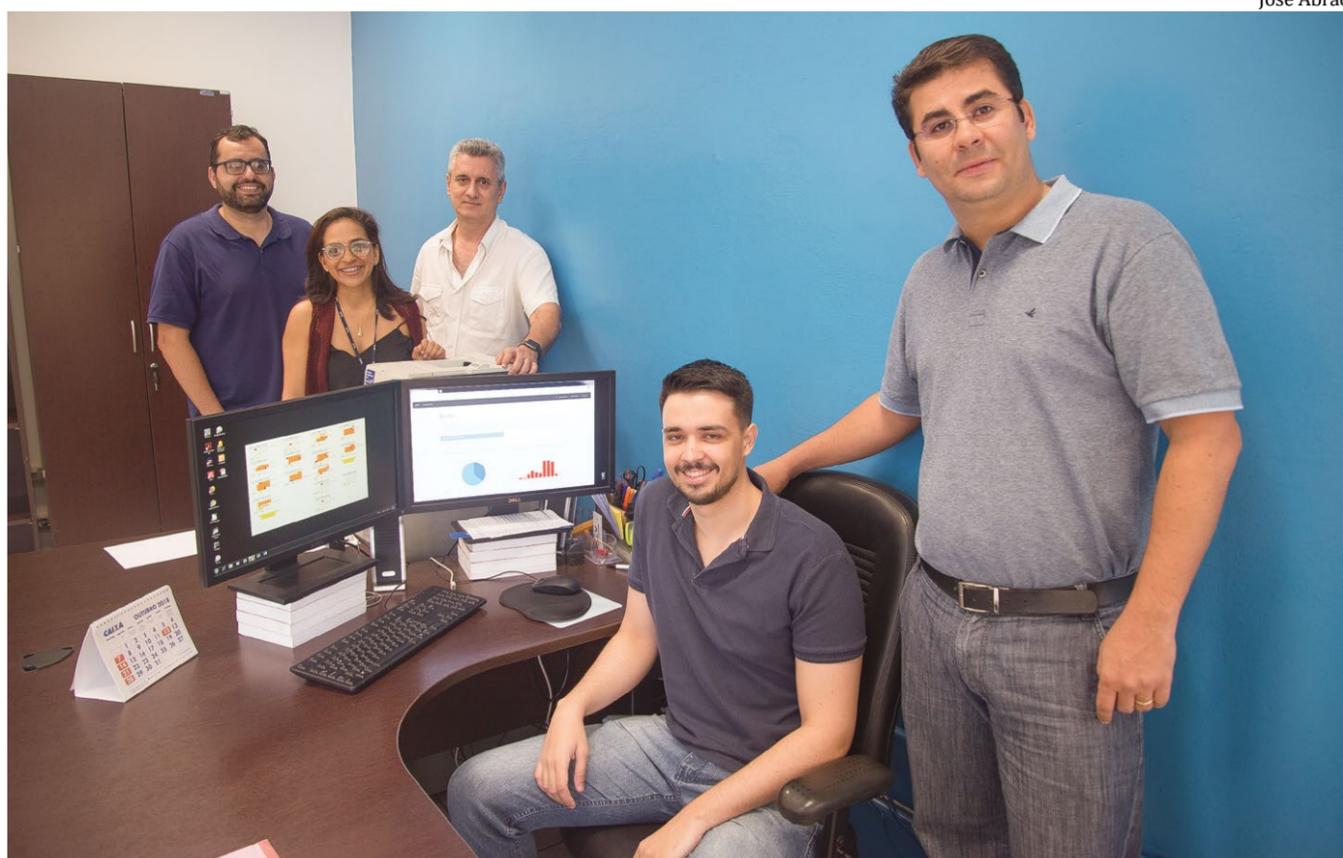
Projeto desenvolvido por professor e formando do curso de Engenharia da Computação reúne base de dados dos alunos, como evasão, desempenho, base curricular e outros

José Abrão

Otimizar a gestão. Esse foi o maior estímulo do professor da Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e de Computação (EMC), Thyago Carvalho Marques, ao idealizar um software que disponibilizasse informações concretas para o desenvolvimento de estratégias para melhoria dos processos internos e que refletisse a realidade acadêmica dos alunos. Ainda em fase de testes, a ferramenta tem sido desenvolvida há cerca de um ano, inicialmente como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do aluno Lucas Pinheiro Costa de Melo Reis, do curso de Engenharia da Computação, mas já está aprovado pela coordenação e diretoria da unidade.

Entre os dados mais relevantes fornecidos por este software, estão as estatísticas de evasão, a base curricular e o desempenho de cada aluno, além de informações importantes sobre os docentes. Carvalho explica que isso possibilita uma visão panorâmica da situação real, viabilizando as tomadas de decisões rápidas e planos de ações eficientes. “Eu era vice-coordenador do curso de Engenharia da Computação, e certo dia o coordenador teve de se ausentar. Foi a primeira vez que eu tive contato com a função, até então eu não sabia exatamente o que um coordenador fazia. Percebi que tínhamos muitas informações espalhadas, entretanto não havia um sistema que reunisse todas elas”, conta.

O processo de produção dessa ferramenta se baseou num elo entre a necessidade da instituição, do software e a oportunidade de aprendizado para os alunos. Pinheiro explica que se sentiu desafiado e aceitou a proposta de participação no projeto, já que seria necessário se conectar com tecnologias, até então, inéditas para ele. “Eu não sei se outras universidades possuem um programa desse



Professor Thyago (de pé, à frente), Lucas (sentado) e equipe da Engenharia da Computação

tipo, mas para mim é inovador. Eu vejo como uma grande chance de crescimento, tanto na minha vida acadêmica quanto profissional”, relata o estudante.

Avanços

Para solucionar problemas, é necessário primeiro identificá-los. À priori, esse será o maior benefício do projeto para a administração da EMC. Segundo o professor Thyago Carvalho, o novo software já foi apresentado à reitoria da universidade, que se interessou em futuramente aplicá-lo em toda a instituição. “A conexão dele com o sistema da UFG será duas vezes por ano, no final de cada semestre, para atualização da situação de cada aluno”, explica, “Já colocamos o piloto em teste na coordenação do curso, e a recepção está sendo muito boa, porém ainda faltam alguns dados para serem disponibilizados para que ele fique completo”.

A coordenadora administrativa da EMC, Alessandra de Souza Nascimento, comenta que a necessidade de trabalhar a gestão de forma mais efetiva surgiu depois do I Seminário de Permanência e Êxito das Instituições Públicas de Educação Superior em Goiás (IPES). Ela recorda que durante o evento muito se discutiu sobre a evasão, cujas estatísticas cresceram muito nos últimos anos, despertando o interesse dos professores e gestores para o enfrentamento do problema. “É uma questão coletiva que para ser resolvida precisa de um banco de dados preciso e também do envolvimento de todos. Agora, com a disponibilização dessa ferramenta, vamos visualizar melhor essas estatísticas e a partir disso construir o nosso plano de trabalho”, completa a coordenadora.

Da mesma forma pensa o diretor da EMC, Reinaldo Gonçalves Nogueira, que deposita muitas expectativas no pleno funcionamento

do software. “Falamos muito em identificar e sanar os problemas do aluno. Mas, já pensou que o problema pode estar no professor? Ou seja, por meio dessa ferramenta também vamos conseguir a identificar a origem de cada situação. É um projeto que vai transformar a maneira como enxergamos o todo e possibilitar a implantação de ações que realmente surtirão algum efeito”, ressalta.

A análise de dados é uma área que se desenvolveu muito, segundo Carlos Galvão, coordenador do curso de Engenharia da Computação. Ele conta que nos Estados Unidos, por exemplo, ela já se tornou uma profissão, e que o mercado de trabalho demanda de profissionais capacitados para ocupar essas vagas. “Analisar e interpretar as informações não é uma tarefa fácil, e agora contamos com esse software que nos entrega tudo pronto já. O mais positivo é que ela vai nos auxiliar numa gestão mais humanizada e próxima do aluno.”

Engenharia de transportes: crescendo como o planejado

Conversamos com o professor Cristiano Almeida sobre um dos cursos mais jovens da UFG

A graduação em Engenharia de Transportes é um dos cursos mais novos da UFG, muitíssimo recente, na verdade, com apenas quatro anos de idade. “É um curso recente dentro da própria universidade pública federal no Brasil”, conta o professor Cristiano Farias Almeida, atual coordenador do curso, “eu diria inclusive que é um curso novo mundialmente. Nós não temos curso fora do país que eu consiga descrever que forme engenheiros de transporte”. Ele até arrisca dizer que o curso foi precursor no Brasil, seguido pelo IFG e depois pela UFMT.

E já começaram correndo. Conforme a primeira turma se aproxima da graduação, Cristiano conta que o curso continua contratando professores – foram duas adições apenas neste ano – e que pelo menos seis ou sete membros da casa já estão envolvidos com projetos de pesquisa. Ele conta que até muito recentemente, a área dos transportes estava inserida nos cursos de Engenharia Civil e era neste departamento em que ele estava aqui na UFG, em 2011, fomentando esta área. Ele conta que na época a UFG estava em expansão e ele logo começou a plantar a semente de um curso voltado para transportes.

Além de todo o planejamento, foi um momento auspicioso. A reitoria “estava com o plano de expandir e criar uma nova faculdade ou uma nova unidade acadêmica em Aparecida de Goiânia, na área de tecnologia”, relembra. Depois disso, foi autorizada a criação da Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT) com as graduações em Engenharia de Produção e Geologia. Cristiano partiu então para desenvolver o projeto pedagógico envolvendo professores da área que são principalmente de cursos de pós-graduação, já que a não havia cursos de Engenharia de Transportes. Com tudo pronto, a primeira turma começou a cursar em 2015. Ele envolve cinco áreas que são as áreas pilares



José Abrão

Professor Cristiano: muitos planos para a ampliação da Transportes

do curso: planejamento, logística, infraestrutura, tecnologia e gestão e políticas públicas. “É um curso multidisciplinar que tem muita relação com a economia. Envolve direito, arquitetura, ciências da computação, tecnologia, engenharia civil, engenharia mecânica. O transporte permeia todas essas áreas da ciência”,

conta Cristiano.

Ele agora está muito animado com a aproximação da formatura que consolida o novo curso que vem recebendo novos alunos todo ano, a concretização daqueles anos de planejamento. “Eu diria que é um marco, esse desafio de formar que nós imaginamos e nós identificamos no

nosso diagnóstico que necessitaria de recursos humanos para ocupar determinados espaços estratégicos na tomada de decisão quanto ao desenvolvimento de transportes”, disse.

Um novo centro

Mas porquê Aparecida? Segundo Cristiano, existem bons motivos para a localização da FCT, começando pela proposta de descentralizar a universidade. Além disso, ela fica muito próxima ao polo industrial de Aparecida de Goiânia. “A gente sabe a importância do município de Aparecida e de uma faculdade que envolvesse as áreas tecnológicas”, disse, contando que foi feito um diagnóstico das demandas de mercado, “a ideia é justamente suprir a necessidade do mercado e desenvolver cada vez mais”. Ele também prevê um crescimento acadêmico da área, pois como não havia graduação, quando o aluno vinha da Engenharia Civil para a pós, chegava com um conhecimento muito básico da área de transportes. Com uma formação melhor e mais completa, voltada para a área, Cristiano acredita que veremos projetos de pesquisa mais robustos. “Com isso, os pesquisadores vão sair da graduação com um conhecimento suficiente para enveredar nesse desafio da pós-graduação. O curso vai interferir quanto a geração de demandas e a própria gestão do conhecimento”, disse.

Além disso, “Eu vejo que nos transportes ainda não tem muito material bibliográfico, discussões considerando o transporte como um fenômeno”, comenta, algo que um curso e uma pós fortes podem ajudar a mudar, “quando a gente pensou na construção do curso, a gente pensou que paralelamente precisaríamos construir um material bibliográfico, produzir”. Ele destaca a importância de produzir na área por ser uma atividade meio: “para tudo você precisa de transportes. Eu acho que a gente está em um processo interessantíssimo da construção”, afirma.

*Professora Denise:
o eleitor escolheu
apenas novas elites,
sem uma mudança
real no poder*

Dança das cadeiras

Professora Denise de Paiva avalia que, apesar de novos nomes, cenário político não se renovou em Goiás

O pleito eleitoral de 2018 finalmente terminou. Polarização, disputas acirradas e um sentimento generalizado de frustração parece ter dominado os sentimentos do eleitorado por todo o país e isto não foi diferente em Goiás. A eleição também trouxe muita mudança nos nomes dos políticos eleitos: Ronaldo Caiado (DEM) superou o candidato sucessor de Marconi Perillo ao mesmo tempo em que Jorge Kajuru (PRP) venceu como senador e a Assembleia Legislativa trocou quase 50% dos seus deputados. Para avaliar este cenário, conversamos com a professora de Ciência Política da UFG, Denise de Paiva.

Segundo matéria publicada no dia 14 de outubro pelo jornal Estado de São Paulo, a maior parte dos deputados federais que apoiaram Michel Temer em suas reformas, especialmente na EC 95, não se reelegeram. Porém, a professora percebe que a derrota destes candidatos não tem exatamente a ver com suas ações ou propostas, mas com um sentimento mais profundo de rejeição.

Para ela, sem dúvida alguma, a maior novidade foi a vitória de Caiado e a que será mais marcante. “O fim da era PSDB, a derrota do Marconi Perillo, isso acabou se refletindo na composição da assembleia”, comenta. Porém, tanto na esfera estadual quanto federal de deputados eleito aqui no Estado, ela acha que é mais correto falar em troca e não em renovação ou

mudança. “A maioria dos eleitos foi do DEM, MDB e PSDB”, explica, “as maiores bancadas foram dos partidos tradicionais, o que a gente teve de ‘novo’ foi a não reeleição de figuras tradicionais como Marconi, Jovair Arantes, a Lúcia Vânia”.

Ou seja, os goianos não rejeitaram os partidos, mas sim nomes já consolidados há anos no cenário político por aqui, um fenômeno que, segundo a professora, foi refletido nos demais Estados. “O que o eleitor mostrou foi uma tendência de procurar novos nomes, mas não uma renovação. Elegeram outros nomes, mas não que representavam ideias diferentes, que fossem trazer mudança. Foi mostrado uma rejeição às elites tradicionais, algo que se refletiu em todo o país”, explica, outra vez destacando o fim da era Marconi que, por sua vez, havia dado fim à era MDB em 1998.

Essa rejeição nas urnas, ela avalia, é resultado ainda daquelas manifestações de 2013 e da crise política que só se tornou mais intensa e com ânimos mais acirrados de lá pra cá. Ao mesmo tempo, esta eleição “mostrou uma tendência ao conservadorismo, prova disso é a própria popularidade do Bolsonaro, mas é um conservadorismo que chama atenção pela questão sobre os costumes”, afirma, lembrando que o deputado federal com mais votos em Goiás foi o Delegado Waldir (PSL), conservador linha dura cuja pauta principal é a segurança

pública e que é aliado e colega de partido de Bolsonaro.

Ela conta que até recentemente tínhamos uma polarização entre PSDB e PT de fato mais ligada à esfera política, mas que este cenário se modificou ligado ao discurso conservador “em relação aos costumes, um discurso autoritário, e o eleitor parece estar dando preferência para este tipo de discurso”. De volta à questão central da reeleição de candidatos, especialmente no Congresso, ela conta que no cenário goiano houve um sentimento anti-PSDB muito forte, exatamente por causa da rejeição de Marconi Perillo.

“É difícil saber até que ponto isso é uma rejeição à chapa governista do PSDB liderada pelo Marconi ou se é esse movimento nacional pela mudança, de rejeição das elites tradicionais”, disse Denise, “acho que em Goiás houve uma combinação das duas coisas”.

Outro ponto é que alguns candidatos se beneficiaram através da mudança de partidos, saindo de legendas com maior rejeição para outras, entrando em outras chapas, como foi o caso de João Campos (PRB), ex-PSDB, Elias Vaz (PSB), ex-PSOL e Humberto Aidar (MDB), ex-PT. “O Elias Vaz foi uma das grandes surpresas que se elegeu deputado federal. Mas ele passou para o PSB, então isso tem uma influência, estava em um partido com mais máquina, mais capilaridade. O mesmo vale

para o Humberto Aidar”, explica.

Quanto à eleição presidencial, Denise acha que se engana quem acreditou que a animosidade e os ânimos à flor da pele iam amainar após o segundo turno. Além disso, ela acredita que haverá uma grande oposição no Congresso. “Será um teste para a nossa democracia”, disse, “não vejo a possibilidade de um golpe, de fechamento do Congresso, mas será um teste para as instituições de controle, para as instituições democráticas, se vão conseguir fazer frente a esse perfil autoritário e populista até agora”.

Ela também acha improvável Bolsonaro conseguir governar sem fazer comprometimentos. “Ele disse que não vai governar com o Congresso, não vai fazer o chamado ‘toma lá dá cá’. Fica a questão de que formas ele vai fazer esse governo, porque ele precisa construir algum tipo de coalizão”, declarou, “e como ele vai lidar com essa oposição que certamente será forte no governo e em setores da sociedade que não votaram nele”. Por fim, ela destaca que apesar do tamanho das bancadas do PT e do PSL, não existem mais grandes bancadas no Congresso, então coligar, tanto na situação quanto na oposição, será fundamental. “O maior da oposição será o PT, o maior do governo será o PSL. Então ele terá que compor com forças políticas e o próprio ‘centrão’ terá um papel a desempenhar”, finaliza.

Flávio Alves da Silva: equilibrando a luta, o social, o ensino e a pesquisa

Guilherme Fernandes



Flávio conduziu obras de renovação ao mesmo tempo em que lida com um governo fechado

Na UFG desde 2006 e na pós-graduação desde 2010, o professor Flávio Alves da Silva está na sua segunda gestão como presidente do Adufg-Sindicato, mas anteriormente já ocupou outras posições, especialmente a de diretor adjunto administrativo durante a presidência da professora Rosana Borges. “Na minha vida sempre que eu entro para fazer alguma coisa eu entro para fazer bem”, disse, “quando eu entrei eu comecei a fazer, a ficar mais dentro do sindicato, a participar das coisas”, mesmo estando, inicialmente, mais envolvido com a parte de convênios.

Ele acompanhou e conduziu as várias obras de reforma e expansão do sindicato e que “precisou passar por várias alterações, eu que sugeri e acompanhei essas alterações”, conta. Esse trabalho seguiu durante a gestão de Rosana, como diretor adjunto, acompanhando as obras na Sede Campes tre. Então veio a greve. “Comecei a participar bastante das questões políticas. No dia da assembleia eu fui presidir a mesa em Jataí e de lá eu fiquei sabendo que a daqui tinha estourado, dado em briga e confusão”, relembra, “foi um período muito complicado. No mesmo dia voltei pra Goiânia e no dia seguinte me reuni com o pessoal que tinha tomado a assembleia”.

Flávio comenta que ficou muito impressionado com os ataques machistas sofridos pela presidente. “A Rosana foi atacada de todas as formas na assembleia, inclusive por mulheres”, relata. Ele conta que chegou a se emocionar durante as

assembleias de tanto que os nervos estavam à flor da pele.

O que ficou claro para sua gestão era que o sindicato precisava investir em mudanças internas profundas. “O recurso tinha que ser voltado para o professor. Lembro de que quando entrei achei que oferecíamos pouco para o sindicalizado, apesar de já termos a Unimed e a Sede Campes tre, então fomos passando por um processo de melhoramentos nos serviços oferecidos para o professor”, afirma Flávio. Começaram a construção do Espaço Saúde, lazer e cultura, a construção do salão de festa, quiosques e piscinas na sede campestre, enfim, ambas as sedes foram ampliadas com novas construções.

Outra mudança veio na de pessoal e na burocracia interna. “Demos continuidade às mudanças administrativas que o Fernando começou porque na época o sindicato precisava ser melhor organizado, os procedimentos eram muito ruins tanto na parte administrativa quanto no financeiro”, explica o professor Flávio, “tivemos que substituir algumas pessoas, algumas delas com mais de 20 anos aqui dentro. Fomos fazendo ajustes”.

Política

“Minha participação política sempre esteve envolvida com o Proifes-Federação”, conta Flávio, que começou a participar das reuniões em 2011. Nestes sete anos, ele foi vice-presidente, diretor de comunicação e hoje está na tesouraria da federação. Ele conta que

o Adufg-Sindicato teve papel fundamental para o crescimento da federação, “participando de várias mesas de negociações, muitas vezes junto com a professora Rosana e o professor Tanezini. Inclusive estive na mesa de 2012 que conseguiu o nosso melhor reajuste, bem acima da inflação. Enquanto a maior parte das categorias conseguiram 15,8%, nós conseguimos 33,8% de reajuste em três anos”, reforça Flávio, destacando também a reestruturação da carreira, conquistada na negociação de 2015.

O professor conta que foi possível sentir a mudança entre os governos anteriores e o atual governo Temer. Antes, o relacionamento era bom e foi marcado por negociações: “o Proifes-Federação sempre teve um bom relacionamento com o governo até porque os governos anteriores eram progressistas e foi nesse período que conseguimos os melhores acordos”. Agora já não é bem assim: “No governo Temer desde o início foi difícil a negociação. O MEC praticamente fechou as portas par todas as entidades”.

O professor Flávio disse ser uma luta constante contra os retrocessos do governo, começando pela EC 95, que congela os gastos públicos com setores essenciais da sociedade, incluindo a educação básica e superior. Felizmente, outras reformas foram barradas: “graças ao trabalho dos servidores públicos, a reforma da previdência não foi pra frente”.

Flávio também destaca que a maior conquista da sua primeira gestão como presidente do Adufg

À frente da diretoria há duas gestões, o professor enfrentou longas greves e os cortes do governo Temer

Sindicato, sem dúvida nenhuma foi a obtenção do registro sindical, o que firmou de uma vez por toda, o Adufg como sindicato local de base estadual. Ele destaca que o registro dar maior segurança jurídica para os sindicalizados, além de tornar o Adufg mais forte.

Por causa destas condições, o Adufg-Sindicato tem intensificado seu lado sindical. “Depois de reforçar a parte associativa, na segunda gestão a gente buscou bastante fortalecer a parte sindical que era uma crítica da oposição de que o Adufg tinha que ser mais sindical, ir mais pra cima”, conta, “então a gente começou a mudar isso, a participar mais ativamente dos movimentos, a fazer parceria com as outras entidades, promover palestras e debates, ir pra rua, construindo isso aqui e junto com o Proifes-Federação”.

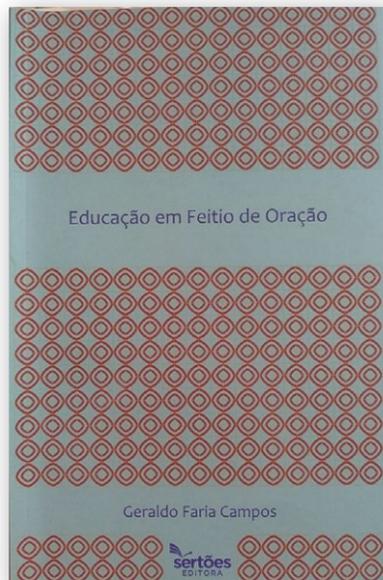
Enfim, apesar dos desafios, Flávio diz que valeu a pena e que gosta do envolvimento político desde a época da graduação: “fundi o Centro Acadêmico do curso de Engenharia de Alimentos no Tocantins, hoje esse CA leva o meu nome e quando eu entrei no movimento sindical eu me apaixonei por essa movimentação, entrei de cabeça mesmo”. Mas, explica, nunca esquecendo que foi contratado para ser professor e não sindicalista. “Sempre segui dando aula, na pesquisa. De lá pra cá já tive quase 30 orientações finalizadas entre mestrado e doutorado e consegui publicar bem em todos os anos. Apesar das viagens, consigo conciliar bem essas coisas”.

Educação em Feitio de Oração

Livro reúne textos de Geraldo e mais oito amigos sobre educação e fraternidade

Organizado pelas professoras Ely Guimarães dos Santos Evangelista, Maria Freire Alves e Maria Teresa Lousa da Fonseca, este livro de Geraldo Faria Campos, professor querido do Cepae da UFG, traz não apenas o seu olhar, mas os olhares reflexivos de outros amigos sobre como fazer Educação através de textos em crônicas, poemas e orações. Contribuíram para isto antigos parceiros, como Mindé Badauy de Menezes e Joel Pimentel de Ulhôa. Os textos, também de cunho religioso, abordam à reverência ao Criador ao mesmo tempo que enredam este sentimento ao amor para com o próximo. “Assim também é este livro: uma oração singela, indignada e esperançosa, amorosa e profunda. Simples assim, na simplicidade que pode fazer as pessoas, que habitam o mundo, melhores”, escrevem Ely e Maria Teresa Lousa em sua apresentação. O professor Ulhôa destaca, em seu prefácio, que este livro não é apenas um livro de religiosidade, mas “uma inspiradora convocação de seus leitores para juntos, em comunidade, sentirmos o peso do compromisso ético de – cada um a seu modo – tentarmos participar da construção de um mundo mais justo, mais digno, mais limpo, mais alegre, enfim, efetivamente humano e feliz”.

“Foi a maior experiência de amizade da minha vida”, disse a professora Maria Teresa Lousa. Ela conta que Geraldo sempre escreveu, especialmente às madrugadas, e que compartilhava seus textos com alunos e amigos. Ela e as outras duas organizadoras perceberam que ele gostaria de publicar os textos “mas em sua enorme humildade, nunca ia pedir nada para si mesmo, então nos organizamos e fizemos uma proposta pra ele”, disse Maria Teresa, “mas ele fez uma contraproposta: não quero que esse seja um livro só meu, quero que seja um livro com meus amigos”. Cada uma delas cuidou de uma



Educação em Feitio de Oração

Geraldo Faria Campos /
Editora Sertões / 123 páginas

parte e oito amigos fizeram um texto para ser publicado junto com os de Geraldo.

“Foi uma benção participar desse livro”, disse a professora Ely, “o Geraldo era um grande amigo, achei este livro uma beleza, um pequeno grande livro que não podia sair em um momento melhor, pois fala de coisas que estamos precisando. Às vezes fala-se muito de Deus, sem pensar muito no próximo. Já o Geraldo, esse grande homem, de uma humildade enorme, tinha uma esperança muito grande num mundo melhor, de muito amor pelas pessoas”.

Os textos foram decididos todos em conversas na casa dele. “Todo mundo que chegava ele passava um café forte e assava um biscoito de queijo. Foi uma experiência muito boa, de muita conversa, muita amizade e muito aprendizado”, disse Maria Teresa, que relembrou o título de doutor honoris causa concedido a Geraldo: “ele fez seu mestrado e seu doutorado na sala de aula, no dia-a-dia, para melhorar o ensino fundamental do Brasil. Isso é muito significativo. O Geraldo vive em cada um dos alunos dele”.

Risco social no espaço rural: a reforma previdenciária e o fim da aposentadoria rural

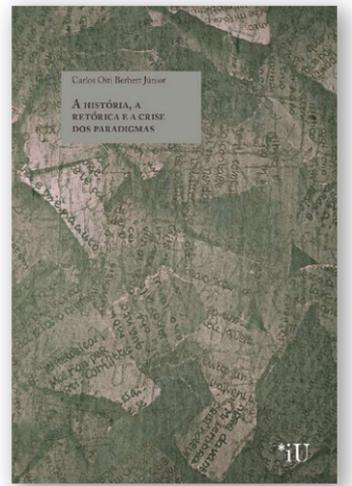
Tadeu Alencar Arrais /
Editora da Imprensa
Universitária / 67 páginas



Nos recessos desses sertões, não só nas paragens mais recônditas, mas ainda muito aquém, aí por onde já passam, de longe a longe, rastros de curiosidade, ou abre inesperadas clareiras o acaso de excursões perdidas, o trabalho vive a morrer, muitas vezes, num regímen análogo ao do cativo. O peão, o vaqueiro, o lenhador, o obreiro agrícola, o colono são, às vezes, instrumentos servís de um patronado cruel e irresponsável.

A história, a retórica e a crise dos paradigmas

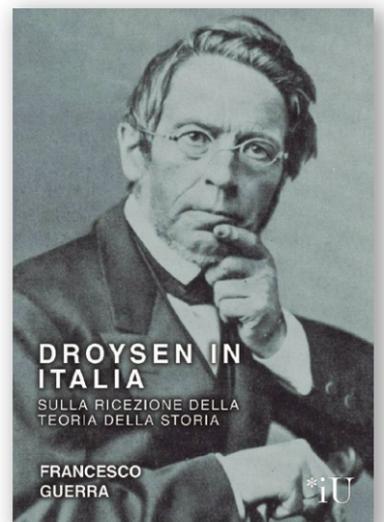
Carlos Oiti Berbert Júnior /
Editora da Imprensa
Universitária / 296 páginas



Partimos de uma constatação: há uma crise de paradigmas no interior da narrativa histórica. A referida crise advém da aproximação, desde os anos de 1960, entre os campos da história e da literatura, pois a relação entre ambos trouxe para o debate uma concepção de retórica que privilegiava os aspectos poéticos em detrimento da capacidade referencial da narrativa histórica. Diante dessa constatação, este estudo objetiva, principalmente, apresentar os caminhos que levaram à crise que resultou, simultaneamente, no rompimento com o paradigma moderno e no estabelecimento de um novo paradigma, denominado pós-moderno.

Droysen in Italia: sulla ricezione della teoria della storia

Francesco Guerra /
Editora da Imprensa
Universitária / 95 páginas



No primeiro plano de Droysen na Itália não está a vida e a obra de Droysen, mas obviamente a maneira como esta última foi lida, recebida, adaptada e criticada no ambiente intelectual italiano de finais do século 19 e do século 20. Aqui, Guerra, o germanista filosófico de hoje, estuda os esforços com que germanistas de outrora interpretaram, assimilaram e instrumentalizaram a obra de Droysen. Ao fazê-lo, conduz-nos por uma aventura intelectual muitíssimo interessante que está longe de se ter esgotado no passado, e da qual ele próprio participa. De quebra, encaminha a comunidade de investigadores da obra de Droysen para o que parece ser uma das suas fronteiras mais carentes de atenção: os estudos de recepção.

Professores do ICB e IPTSP recebem honraria científica

O professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), José Alexandre Felizola Diniz Filho, e a professora aposentada Celina Maria Turchi Martelli, do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP), receberam a Medalha Nacional do Mérito Científico - Classe Comendador. A homenagem aconteceu no dia 17 de outubro, no Salão Nobre do Palácio do Planalto, em Brasília. Para Felizola, a medalha é o reconhecimento de um trabalho que vem sendo desenvolvido há muito tempo. “Estou muito orgulhoso, na verdade eu não sabia que meu nome havia sido indicado e por isso foi uma grande surpresa. Acredito que será um estímulo também para os meus alunos. É uma valorização do nosso grupo como um todo”, reflete o professor.

Celina compartilha o prêmio com o Grupo de Estudo

da Microcefalia Epidêmica (MERG), formado por pesquisadores das instituições públicas da região Nordeste com parcerias nacionais e internacionais. “Sinto também enorme orgulho de fazer parte dessa comunidade universitária, que já resistiu a tantos momentos de opressão no passado, mas que continua firme na missão de formar profissionais competentes e liderar pesquisas em doenças relevantes para a população”, completa. Além da Medalha Nacional do Mérito Científico, a professora Celina recebeu também o título de Doutora Honoris Causa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Ela foi considerada uma das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista Time e, em maio de 2018, foi eleita como membro titular da Academia Brasileira de Ciência.



Professora Celina em evento e professor Felizola exhibe a medalha



Secom/UFG

Docentes comemoram Festa do Professor em Jataí ao som de blues

Enquanto Goiânia recebeu a Festa do Professor no dia 27, Jataí celebrou o dia do professor uma semana antes, na noite do dia 20. No cardápio, a festa teve comida de boteco para combinar com as atrações musicais que animaram a festa. Foram eles Rodolfo da Harmônica e

a Banda Triozera, com um repertório composto por músicas de blues. Cerca de 250 pessoas participaram da comemoração entre filiados, familiares e convidados. Também houve sorteio de prêmios como vinhos, cesta de café da manhã, cafeteiras e fritadeiras.



Ascom/Adufg

Banda Triozera

Guilherme Fernandes



Professor Bauer e esposa em evento social na sede administrativa

Falece o professor Gunter Bauer, da EMAC

O músico, pianista e compositor Gunter Bauer faleceu no dia 30/10. Bauer, austríaco radicado em Goiânia, ele lecionava na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) há mais de 20 anos. O professor deixa esposa e quatro filhos, entre eles o aluno emérito da EMAC, Félix Bauer. Possuía graduação em Piano pela Universität Mozarteum Salzburg, vormal Hochschule Mozarteum(1970), especialização em Musicologia pela Universität Salzburg - Philosophische Fakultät(1974), especialização em Italiano pela Universität Salzburg - Philosophische

Fakultät(1973), mestrado em Pedagogia da Música pela Universität Mozarteum Salzburg, vormal Hochschule Mozarteum(1976), doutorado em Piano pela Universität Mozarteum Salzburg, vormal Hochschule Mozarteum(1975), doutorado em Composição Musical pela Universität Mozarteum Salzburg, vormal Hochschule Mozarteum(1976), pós-doutorado pela Universität Mozarteum Salzburg, vormal Hochschule Mozarteum(1977) e pós-doutorado pela Universität Mozarteum Salzburg, vormal Hochschule Mozarteum(1978).

Resolução do Consuni regulamenta serviços remunerados na UFG

O Conselho Universitário da Universidade Federal de Goiás (Consuni/UFG) aprovou a Resolução nº 13/2018, que regulamenta a realização de serviços remunerados na instituição. A aprovação vem após a certificação da Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape-UFG) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que divulgou o resultado do Edital 01/2018 de Credenciamento de Fundações de Apoio aptas a receber e gerenciar recursos oriundos de pessoas jurídicas de direito privado, destinados ao apoio a projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação aprovados pelo CNPq que se enquadrem no artigo 3º da Lei nº 10.973/2004. O credenciamento busca viabilizar o apoio das Fundações na gestão financeira, acompa-

nhamento e controle na execução dos projetos financiados pelo órgão. A intenção é que o pesquisador possa se dedicar mais tempo de fato à pesquisa e menos à busca de recursos. Em nota, a Funape reiterou seu compromisso com a pesquisa e que “esses serviços devem ocorrer sem prejuízo às atividades de ensino, pesquisa, inovação, extensão, cultura e administração da Universidade. Entre eles estão: consultorias e assessorias; projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação; acordos de parceria técnico-científica ou artístico cultural; prestação de serviços tecnológicos, artístico-culturais e administrativos e de gestão; cursos de pós-graduação lato sensu, de extensão e de capacitação; outras atividades remuneradas de extensão”.

A professora Maria Beatriz em sua biblioteca: carreira dividida entre o ensino e o jornalismo



José Abrão

Da redação para a sala de aula

Aposentada há 17 anos, a jornalista e professora Maria Beatriz Ribeiro Costa fala da sua paixão pela docência e a vivência na redação dos maiores veículos de comunicação do Estado

Na estante da sala um aparelho antigo de rádio entrega a paixão pela comunicação. Em uma mesa posicionada ao centro, a dissertação de mestrado ocupa, despretensiosamente, lugar junto ao celular, livros e revistas. Familiarizada a entrevistar, a jornalista e professora aposentada da Universidade Federal de Goiás (UFG), Maria Beatriz Ribeiro Costa, agora é a pauta. Vedete do antigo jornalismo, ela vive atualmente uma fase de redescobertas com as mídias digitais, se dedica à família e ao paisagismo, e sofre a ausência do companheiro Isanulfo Cordeiro, que faleceu no início do ano.

Maria Beatriz contou que ela nasceu no interior de Goiás, no município de Itauçu, onde viveu até os 12 anos antes de se mudar para a capital. Segundo a professora, não houve uma razão especial para a sua escolha pelo jornalismo, mas que alguns fatores podem tê-la influenciado. “Eu sempre gostei muito de ler. Meu pai era médico e nos incentivava muito a ler livros, jornais e revistas. Apesar disso, quando eu estava

na quarta série tive uma professora muito especial. Eu não me lembro muito bem dela em sala de aula, mas me recordo que ela nos levava para a biblioteca do colégio todas as semanas e lia com a gente, eu achava isso muito bacana”, revive.

Maria Beatriz foi uma das alunas precursoras do curso de jornalismo da UFG. Graduada em 1974, ela declara que participou dos processos para reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação, que aconteceu somente em 1976. Enquanto jornalista, Maria Beatriz passou por importantes veículos de comunicação do Estado, como a extinta Folha de Goiás, Revista Leia Agora, O Popular e TV Brasil Central. A carreira de docente teve início no final da década de 1970, quando a jornalista atuava como professora colaboradora e mais tarde se tornou professora titular. Hoje com 65 anos, ela se aposentou precocemente há 17 anos em função de problemas de saúde. “Em 1987 eu deixei as redações, e fui me dedicar exclusivamente à docência. Eu comecei a dar aulas muito nova,

quando me encontro com algum jornalista fico na dúvida se foi meu aluno ou colega”, se diverte.

Jornalista ou professora? Questionada, Maria Beatriz afirmou que nunca poderia escolher apenas uma profissão. Ela conta que durante o seu tempo em sala de aula, aprendeu muito, assim como em sua trajetória como jornalista. “A universidade naquela época não tinha muito dinheiro, então a gente tinha que apelar para a criatividade na hora de ensinar os alunos. Nossos boletins eram rodados em papel extenso e fazíamos jornais murais. O ensino é uma tarefa muito enriquecedora. Mas, como jornalista também fui muito feliz. Tive a oportunidade de trabalhar com grandes nomes, como por exemplo Bernardo Elis”, relata.

Presente

Maria Beatriz é mãe de três filhos e avó de cinco netos. Hoje a professora dedica o seu cuidado à família e sua casa. “Há alguns meses eu escrevi um artigo para um portal de notícias sobre o falecimento do

Isanulfo, e meus filhos e netos ficaram encantados com o texto, porque não conviveram com esse meu lado jornalista. Disseram que não sabiam que eu escrevia tão bem. Mas hoje quero me dedicar mesmo a eles, e às minhas plantas. Eu tenho um orquídeo que amo, e gostaria muito de trabalhar essa minha face de paisagista”, brinca.

Outra novidade na vida da aposentada são as novas tecnologias para interação social. Maria Beatriz diz que criou uma conta no Instagram e se diverte bastante reencontrando os ex-colegas de profissão. “Eu não sou de postar muito. Minhas postagens são sempre em datas que representam algo para mim, como na morte do meu marido e no dia dos pais. Tem gente que gosta muito, né? Tem muito narcisismo lá. Eu me divirto tanto, acho leve, engraçado e me reaproximou de pessoas que foram importantes na minha vida”, contou apontando para o celular que dividia a mesa de centro da sala com a dissertação de mestrado, livros e revistas.